

Ameaça não assusta os banqueiros

Paulo Francis
de Nova Iorque

Não houve surpresa da parte dos principais credores da dívida, consultados pelo correspondente da **Folha**, com o atraso de pagamentos do Brasil. Já esperavam esta traquinagem de Sarney e Maílson. Afinal, leem ou recebem transcrições dos jornais brasileiros, para quem moratória é uma espécie de festa cívica, apesar de a última moratória ter nos custado pelo menos US\$ 3 bilhões. E os banqueiros terminaram recebendo com juros de mora tudo que lhes era devido. Contam que o mesmo acontecerá desta vez.

Um banqueiro mostou a manha da dívida brasileira em Wall

Street. Isto é, as diversas instituições de corretagem que estão vendendo títulos da dívida brasileira por 29 centavos de dólar. 29% do valor nominal. Não há procura. Só oferta.

A argumentação do Sr. Maílson da Nóbrega é considerada indigna de resposta pelos banqueiros. É evidente, para eles, que com o déficit público e a inflação, causadas pelo Estado brasileiro, pelo custeio deste Estado falido e perdidário, não há hipótese de ser concretizado o que o Sr. Maílson chama de "acordo com o FMI". Os banqueiros confirmaram a suspeita deste correspondente de que o Brasil está, como de costume, imitando a Argentina, que atrasou pagamentos, entrou em moratória, sem

escândalo, ao contrário da moratória brasileira, em que Sarney e o falecido Dilson Funaro fizeram um escarcéu dos diabos, para terminarem como de costume, com o rabo entre as pernas e pagando atrasados.

Da Argentina, os banqueiros esperam um programa racional do presidente Menem. O passado dele não augura esta racionalidade, mas os banqueiros, eternos otimistas, alegam que justamente pelo fato de ele ser um demagogo populista, Menem tem credibilidade junto às massas, o que falta a Sarney, fruto de um arranjo sucessório semiditatorial, sem o crivo do voto popular e repudiado pela imensa maioria dos brasileiros.